tempo. Dipois disso foi cidade Episcopal e teve seos bispos que foram Gelazio e Possidonio e Pontanio que assistiram em varios consilios que tras a Historia dos Arcbispos de Braga composta pelo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e o mais trazem as estorias portuguezas." (Tomo i, fl. 389.)

Sobre a verdadeira localizacao de Aeminio pôde consultar-se um artigo de Borges de Figueiredo no Boletim da Society de Geografia de Lisboa, v, 67.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Á cerca das antas

O Sr. P.º J. J. da Rocha Espanca publicou em Villa-Vigosa, em 1894, um opusculo intitulado Estudo sobre as antas e seus congeneres, que foi objecto de uma critica do Sr. P.º José Isidro Brenha, come-
gada a publicar no n.º 36 (16 de Maio de 1895), d-A Vida Moderna, do Porto, e continuada noutras numeroz seguintes. O criticado res-
pondeu, o critico treplicou, e aquelle tornou a voltar á questao, que actualmente ainda dura, e Deus sabe até quando durará!

Eu, por mim, achei-me tambem envolvido na polemica, e dei a lume no n.º 25 (27 de Fevereiro de 1896) d-A Vida Moderna o seguinte artigo, que aqui reproduzo por lembrança:

«Tenho seguido com alguma curiosidade a questao em que os Srs. P.º Espanca e P.º Brenha andam empenhados neste jornal. Se venho entremeter-me nella, não é pelo desejo de polemica; mas, como o Sr. P.º Brenha teve a amabilidade de me consultar á cerca da significacao da palavra anta, e eu lhe apresentei ideias que o Sr. P.º Espanca pretende refutar, julgo-me obrigado a defender o que escrevi.

Peço aos leitores que me considerem imparcial na questao, pois a ambos os contendores me ligam relacoes de sympathia.

Quando, ha annos, estive pela primeira vez em Villa-Vigosa, o Sr. P.º Espanca, a quem eu ia recomendado, tratou-me com toda a amabilidade, acompanhou-me na visita aos monumentos da villa, e deu-me quantos esclarecimentos lhe pedi. Eu vim com saudades dos momentos que passei com elle em convivio archeologico, e nunca me esquecerei de que, depois de termos percorrido a villa, ao luar,
o Sr. P.º Espanca, a altas horas da noite, se sentou ao piano, e tocou e cantou, para eu ouvir, composições de sua lavra. Posteriormente tenho mantido com elle correspondencia epistolar, e devo-lhe a oferta de um interessante monumento epigraphico romano, e das suas uteis *Memorias de Villa-Vicosa*, bem como do opusculo sobre as antas.

O monumento epigraphico ficou pertencendo á Bibliotheca Nacional de Lisboa, mas foi por minha intervenção, e a meu pedido, que elle o cedeu; por isso me constituo devedor do obsequio.

Ao Sr. P.º Brenha devo tambem informações archeologicas, e a posse de um amuleto que me ofereceu para a minha collecção ethnographica; alem disso, ainda o anno passado me fez o favor de me acompanhar na Povoa de Varzim na visita a varios locaes que eu desejava visitar, e sobretudo merece o meu respeito pelo amor com que se dedica aos estudos archeologicos, dando a conhecer, em companhia do Sr. P.º Raphael Rodrigues, as antas trasmontanas.

Vêem os leitores que, pelas circunstancias pessoaes, tantas razoes tenho para pender para o lado de um dos contendedores, como para o do outro. As circunstancias scientificas levam-me todavia para o lado do Sr. P.º Brenha.

Espero que o Sr. P.º Espanca não veja no que vou dizer, nem desaffecto, nem descortesia. Eu só pugno pela verdade. De mais a mais justificarei o que afirmar.

O Sr. P.º Espanca sustenta, se bem tenho presente a sua argumentação, por quanto estou a escrever de memoria, ao correr da penna, sem poder dispor de tempo para citações:

1.º Que as antas são monumentos historicos;
2.º Que as antas são cabanas de pastores e de hortelãos, e não sepulturas;
3.º Que a palavra *anta* vem do latim *antrum*.

I. Começarei pela ultima parte, e procurarei ser breve e claro.

Para asseverar que *anta* vem de *antrum*, lembra o Sr. P.º Espanca o seguinte facto:—que o *r* caihú, como em *umbella*, diminutivo de *umbra*, *castello*, diminutivo de *castrum*, e *libello*, diminutivo de *liber*;—e que o *o* de *antro* se mudou em *a*, como em *verba*, do plural de *verbam, sina*, do plural de *signum, loja*, do plural de *locus*.

Antes de mais nada devo notar que, visto que se recorre á Glottologia, ou sciencia da linguagem, se lhe hão de respeitar rigorosamente as leis; do contrario, anda-se sem metodo. Ora a Glottologia ensina que nenhum d’aquelles factos tem applicação ao caso presente. Quanto ao o mudado em *a*, não sei para que citar tães exemplos, se
o Sr. Espanca é o primeiro a notar que verba, sina e loja vem dos pluraes, que acabam em a. Se as palavras já em latim acabavam em a, para que fallar no o?

Os pluraes de certos nomes neutros foram considerados como femininos, pelo facto de acabarem em a, e nessa forma passaram do latim vulgar para as linguas romanicas. Isto sucedeu com dois dos exemplos citados, verba e sina; a palavra loja é que nada tem com loca, pois é de origem germanica.

Ha muitas outras palavras formadas como verba e sina, por exemplo, dividia, fada, pimenta. O Sr. P.º Espanca podia ter citado tambem antra, plural de antrum, na sua hypothese; contudo era impossivel que antra desse anta, como vamos ver.

Os exemplos invocados para justificar a queda do r são umbella, castello e libello. Nada d’isto se parece com antrum (ou antra) e anta. Segundo as leis da morphologia latina, umbella formou-se de umbra, através de *umberla; castellum, de castrum, através de *casterlum; libellus de liber, através de *liberius. Houve, pois, mudanca de r em l, e nao queda de r, — o que é muito diverso do que o Sr. Espanca suppõe que se deu em anta.

Era impossivel, digo eu, que antra desse anta, porque, nao havendo outro r na palavra, un r naquelas condigas, isto é, entre consoante e vocal, nào cae. As seguintes palavras o provam: astro, desastre, mostrar, mostrego, entre, entrar, contra, ventre, centro, sempre, Dezembro. Se em nenhum d’estes casos cae o r, por que motivo havia elle de cahir em antrum? Quando se apresentasse um fenomeno phonetico tão simples como este, devia haver outros paralelos. Não ha: logo o r naquelas condigas não cae. Por isso é impossivel deduzir anta de antrum. Oppõe-se a isso o genio da lingua portuguesa.

Não sabe talvez o Sr. P.º Espanca que existem outras palavras na nossa lingua no sentido de dolmen. D’ellas me occupo no volume I das minhas Religioes da Lusitania.

Para concluir, direi que a origem de anta é o latim antae, no singular anta, como perfeitamente diz Viterbo no seu Elucidario.

II. As antas são monumentos historicos, — diz o Sr. P.º Espanca. Não são, dizem todos os archeologos. Isto prova-se directamente, porque o mobiliario que apparece ou predomina nas antas é prehistorico, pela maior parte neolitico.

Os textos dos antigos AA., em que o Sr. P.º Espanca achou antrum, spelunca, etc., referem-se a furnas, etc., e não ás antas, que são monumentos architectonicos propriamente ditos.
III As antas são cabanas, e não sepulturas, — diz o Sr. P.º Espanca.

Esta affirmação não é justa: — primeiro, porque muitas antas são demasiado pequenas para poderem servir de casas de vivos; — segundo, porque nas antas encontram-se restos humanos, ossos e dentes, cuja existência ali só pôde explicar-se, admitindo-se que as antas eram sepulcros ou ossuários.

Trato este ponto com tal desenvolvimento no meu citado livro Religiões da Lusitânia (no prelo), que não posso tratá-lo agora outra vez. Em todo o caso tomo a liberdade de recommendar ao Sr. P.º Espanca, pelo menos, a leitura das obras de Carlos Ribeiro, Estacio da Veiga e Santos Rocha, onde achará exemplos bastantes de antas que continham no seu seio restos de esqueletos humanos.

Este facto não admite contestação possível.

Se em algumas antas se não acha nada, é porque os terrenos destruíram os ossos (por exemplo os terrenos graníticos), ou porque os curiosos levaram tudo, ou porque se praticou a incineração dos cadáveres.

O Sr. P.º Espanca creio que nunca explorou anta nenhuma; eu, da minha parte, já explorei algumas em Tras-os-Montes, na Beira e no Alentejo, conheço tudo o que se tem escrito em Portugal sobre o assunto, e conheço muitas cousas do que se tem escrito lá fora: para afirmar o que affirmo fundo-me, pois, em muito boas razões.

* * *

Em resumo: — os dolmens datam dos tempos pré-historicos, e são monumentos funerários; a palavra anta, que, com outras, significa dolmen, vem do singular de antae. Creio que são pontos liquidados.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1896.»

J. L. de V.

Archeologia Eborense

Cofre de ferro existente na Secção Archeologica
da Bibliotheca Pública de Evora

Ha annos existia na Repartição de Fazenda de Evora um cofre, ou antes uma arca de ferro batido, que servia para o thesoureiro-pagador do distrito arrecadar e guardar valores confiados á sua responsabilidade. A fórma e a construção d’essa arca não deixavam de chamar